

O BARROCO EM GOIÁS: VEIGA VALLE E SEU CICLO CRIATIVO

ELDER CAMARGO DE PASSOS*

A convivência com as obras de Veiga Vale vem desde os tempos de nossa meninice, quando participávamos das festas religiosas da cidade, no relacionamento com as imagens ali cultuadas, nas novenas, procissões, etc.

Assim, crescemos vendo com a maior naturalidade todo o acervo cultural que a Cidade de Goiás, antiga Capital do Estado de Goiás, usava e guardava através de suas tradições, de seu espírito religioso e de sua fé.

Aos poucos fomos sendo despertados pelos fatos históricos, seus prédios, monumentos, seus artistas, intelectuais, jornalistas, como também pelas histórias contadas por nossos pais e pessoas mais velhas da cidade.

Começamos a anotar todos os fatos e a pesquisar os autores que no século passado e neste escreveram sobre nossa cidade. Com isso uma nova fase se abriu para nós, mostrando-se verdades e fatos, muitos deles esquecidos pelo tempo. Assim, acabamos por nos tornar estudiosos das coisas da Cidade de Goiás.

O início da colonização de Goiás se deu quase nos meados do século XVIII, quando ali os bandeirantes paulistas ergueram os seus primeiros arraiais para a cata do ouro.

O Arraial de Santana foi fundado em 1727 por Bartolomeu Bueno da Silva, filho de Anhanguera. Em 1739 o Arraial foi elevado à categoria de Vila com o nome de Vila Boa de Goiás, tornando-se cidade em 1818, sendo Capital da Província e assim ficando até 1937, quando então foi construída a nova Capital, que é Goiânia.

Durante esse período a sua evolução cultural foi lenta, cresceu isoladamente na distância e nas dificuldades de comunicação com a Corte e as cidades beira-mar de onde vinham as lições de cultura para o Brasil em formação.

As notícias, os materiais de comércio e a cultura vinham em lombo de burro, cujas viagens duravam meses para que essas preciosidades pudessem chegar às vilas e arraiais provincianos.

A cultura, então, vinha a passo de tartaruga. Tivemos o 1º jornal - “A Matutina Meiapontense” - editado em 1830 em Meia Ponte. Mais tarde surgiram outros jornais, agora já na Capital.

As suas maiores movimentações culturais eram ligadas à igreja através das festas religiosas, realizadas com toda pompa, mescladas de manifestações populares e o prolongamento das mesmas como meio de divertimento da população.

Dentre as manifestações religiosas destacam-se a Semana Santa, a festa do Divino Espírito Santo e a Festa de N.S. do Rosário dos Pretos. Nelas, a partir de 1850 começaram a aparecer composições sacras, e, algum tempo depois, populares, como as modinhas.

Surgem poetas e contistas. Anteriormente, podemos registrar a passagem de alguns pintores e entalhadores que, contratados pelas irmandades, adornavam com seus trabalhos as igrejas. As imagens existentes até então eram portuguesas, baianas ou mineiras, ornavam os altares e os oratórios de residências particulares.

Só por volta de 1820 é que temos notícia do surgimento de José Joaquim Veiga Valle, natural de Meia Ponte, hoje Pirenópolis, sendo ele o genial santeiro goiano.



São Miguel

* Advogado e Professor de História



Cristo

Veiga Valle - O Cidadão

Nasceu José Joaquim da VEIGA VALLE em 9 de setembro de 1806 no arraial de Meia Ponte, filho do Capitão Joaquim Pereira Valle e de Ana Joaquina Pereira da Veiga.

Descendente de família simples, mas de projeção social naquela cidade, seu pai possuía o título honorífico de Capitão da Guarda Nacional e, no dizer do historiador Jarbas Jaime, “homem de autoridade e respeito onde exerceu a advocacia, estendendo as atividades a Traíras e Pilar”.

Veiga Valle ocupou várias funções públicas, em Meia Ponte e depois em Goiás; dentre elas destacamos:

1. Membro do Conselho da Sociedade Defensora da Liberdade e da Independência Nacional.
2. Membro da irmandade do Santíssimo Sacramento (1833).
3. Vereador de Meia Ponte (1836-1841).
4. Nomeado pelo Presidente da Província ao Cargo de Deputado Provincial (1839-1841).
5. Assume interinamente o Cargo de Juiz Municipal em 1841, casa-se neste mesmo ano em Goiás com a filha do Presidente da Província.
6. Participa da Guarda Nacional, ocupando o posto de Alferes e Major.
7. Exerceu ainda atividades de comerciante, escultor, santeiro e pintor em Meia Ponte, antes de se mudar para Goiás.
8. Deputado Provincial de 1858 a 1871, passando por várias legislaturas.
9. Casa-se em 1841 com Joaquina Porfíria da Veiga Jardim. Em 1862, entra para a Irmandade do S. Bom Jesus dos Passos (fundada em 1845).

O Trabalho Escultórico

Trabalhava Veiga Valle na sua quase totalidade com a madeira cedro, espécime de sua predileção por ser macia, cheirosa e de grande durabilidade. Os cepos de madeira eram cortados em vários tamanhos e passavam por processo rudimentar de imunização, que consistia no seu cozimento, em grande tacho de cobre, em água preparada em infusão de vários vegetais, com o objetivo de retirar as resinas ainda existentes e dar maior dilatação nos poros da madeira, a fim de evitar rachaduras no futuro, visto ser o nosso clima tropical e seco.

Após os cepos estarem bem secos é que se iniciava o trabalho escultórico. Veiga Valle então esculpia as suas imagens fazendo composições plásticas evolutivas com panejamentos esvoaçantes, apresentando ricos e variados movimentos em ondulações largas. A maioria de suas peças não eram inteiriças. Braços, mãos e faces eram esculpidas à parte e, posteriormente, encaixados.

A concepção de seus mantos apresenta-se, na maioria das vezes, soberba, ora em diagonal, ora em forma de V e nas madonas, com movimento em forma de S.

Uma de suas características é o tratamento e forma que dá às dobras do manto, por meio de cavidades feitas a goíva, que lembram o aspecto de bainhas côncavas de folhas vegetais.

Veiga Valle demonstra conhecimento de morfologia, podendo ser observado através do modelado na parte exposta das figuras, sendo roliço e suave.

O rosto de suas imagens, principalmente femininas, apresenta uma beleza angelical, bem proporcionado, de delicado perfil. As mãos têm modelado cheio, com dedos longos e fusiformes destacando as falanges, unhas e algumas cavidades. São elas bem traçadas, achando-se geralmente os dedos mediano e anular juntos.

Os véus esvoaçantes das virgens sugerem brisa, ambiência etérea e celestial; são eles quase sempre em arranjos felizes que os tornam diáfanos e belos.

A base de suas peças e peanhas, na maioria das vezes, compõe-se de dois paralelepípedos e retângulos com cantos quebrados, escalonados e superpostos, ou então retangulares talhados a cinzel, com cantos quebrados. Um globo é o intermediário entre a base e a imagem.

Devemos afirmar que o santeiro Veiga Valle, de posse de seus meios, soube tornar vivas as posições do corpo, dando a impressão, em algumas peças, de terem movimento, conservando ainda nas suas imagens uma ponderação clássica, própria da escultura portuguesa de um século anterior e que, no Brasil, fora prolongada até o século seguinte.

Carnação, Policromia e Efeitos

Carnação:

A carnação de suas peças, segundo relato de seus familiares, era uma composição sua e foi revelada apenas a seu filho Henrique, também santeiro, não passando a técnica a mais ninguém.

As imagens têm uma textura em tom rosa pálido, dando a ilusão de fino e delicado “biscuit”. Segundo consta, para tal composição, o santeiro ia buscar na Serra Dourada, localizada nas mediações da Cidade de Goiás, umas pedras brancas, recobertas de uma camada amarela-avermelhada, e que depois de trituradas e acrescidas de tintas, óleo de linhaça e secante, formavam a composição acima mencionada. Segundo nossa pesquisa, a pedra branca trata-se de “caulim”, argila branca que tem como principal constituinte um mineral argiloso caulínico.

Policromia

Logo depois, era a peça recoberta por fina camada de gesso, objetivando corrigir defeitos. Em cima desta, ele aplicava cola especial à base de clara de ovo, ou então boldo africano (mistura ardente em tom arroxeadado), como base para fixar as folhetas de ouro ou prata (pão de ouro), que importava da Alemanha. Sobre o ouro, Veiga Valle aplicava a pintura em cores suaves e harmoniosas, fazendo um revestimento esgrafiado em belos adamascados. Analisando a variedade de temas explorados por Veiga Valle na decoração das túnicas, véus, mantos, lenços, mangas, saiotes, coletes, hábitos e almofadas, percebemos que jamais um motivo é repetido, aparecendo de seis a oito motivos diferentes de padronagem dos adamascados nas vestes de uma só peça.

Quanto à tonalidade das tintas usadas pelo santeiro, pouca coisa podemos acrescentar às informações já existentes, quando são apontadas sementes, folhas, cascas, raízes, flores, terra e animais, como pigmentos naturais largamente usados pelos pintores. A título de exemplificação, podemos citar alguns recursos regionais, com as respectivas cores obtidas.

- | | |
|------------------------|----------------|
| 1. Sangue de drago | vermelho claro |
| 2. Urucum | vermelho forte |
| 3. Açafrão | amarelo |
| 4. Anil | azul |
| 5. Casca de jabuticaba | bonina |
| 6. Amora | roxa |
| 7. Jenipapo | preto |
| 8. Caparrosa | marrom claro |
| 9. Carço de abacate | marrom médio |
| 10. Barbatimão | vinho |



São João



São José de Botas

Veiga Valle usava uma camada de tinta fina, que variava nas cores azul, verde esmeralda e vinho, colocada em cima do ouro ou prata, dando o resultado de cor metálica, o que constitui um dos traços identificadores de sua policromia.

Intrigou-nos a quantidade e a variedade de temas usados, visto a dificuldade de informação, principalmente no interior do Brasil. Com uma análise comparativa mais profunda, fomos identificando desenhos iguais ou parecidos com outros ornamentos em alto relevo estampados na prataria portuguesa, baiana e carioca existentes nas nossas igrejas. Esses motivos variam entre folhas de acanto, frutos, pinhas, conchas, guirlandas, treliças ou guilhochês, rosáceas muitas vezes iguais, parecidas ou desenvolvidas de acordo com sua criatividade.

Outras fontes de motivos variados estavam presentes em ornamentos de inúmeras porcelanas importadas, como: jarras, pratos e aparelhos de chá, café e jantar, jarros e bacias, pertencentes aos acervos das residências goianas. Também elementos que se assemelham nos bordados dos adamascados dos paramentos religiosos, frontais de altares, véus e outras peças da indumentária litúrgica ou nas alfaias bordadas a fio de ouro, vindas da França, Itália e Portugal, usadas nos pontificais.

Notamos que a fonte de inspiração era vasta: às vezes de um tema base ele criava inúmeras variações e adornos que enriqueciam mais ainda o tema original.

É interessante ressaltar que essa pintura se torna mais atraente se levarmos em conta que, decorrido mais de um século, continua vibrante o frescor das cores de suas tintas em contraste com o brilho do ouro em baixo relevo.

É verdadeiramente um trabalho que envolve paciência, técnica, arte e bom gosto, que por si só o tornou imortal, sem se levar em conta a beleza de seu talhe.

Veiga Valle, após o trabalho escultórico, aplicava uma base de gesso, colava folhetas de ouro ou pão de ouro importadas da Alemanha. Sobre essa base dourada era feita a aplicação de camadas de tinta na coloração desejada. Presumimos que, após meia secagem da tinta, o santeiro aplicava os ornamentos, que consistiam na retirada paciente da tinta com estilete próprio, riscando e fazendo os desenhos do ornamento desejado. Logo depois ele a completava com contornos dando um jogo feliz de luz e sombra, ou, então, contornava pétalas e folhas deixando-as apenas no ouro para contraste. Todo esse trabalho nos lembra muito a imitação em desenho da arte filigranada de ourivesaria.

A precisão de seus traços demonstra uma capacidade intuitiva do seu risco, mostrando delicadeza na composição, bom gosto e maleabilidade de formas, dando queda natural às configurações usadas pelo artista em estudo.

Vejamos as imagens de Nossa Senhora. Nelas às vezes podemos encontrar de seis a oito temas diferentes em seus ornatos. No ápice da peça, um véu esvoaçante, sendo que sua decoração é feita com motivos pequenos de flores campestres, pontos, estrelas, etc., mantendo os mesmos motivos também no verso, dando-lhe uma certa leveza diáfana. Sobre os ombros, por cima da túnica, aparece comumente um xale ornado em listras verticais nas cores azul, verde, amarelo e vermelho, intercaladas com listras douradas. Para o acabamento do xale, às vezes o coloca inteiriço, às vezes prende suas pontas sobre o busto com um botão ou barrete dourado. Quanto às túnicas, são presas à cintura por faixas ou cintos e apresentam pintura geralmente em azul-claro.

Veiga Valle preenche os espaços vazios com desenhos em linhas nas formas paralelas, horizontais, verticais, transversais, côncavas, convexas, oblíquas, dependendo da queda do tecido e da sua criatividade. As mangas da camisola e do vestuário que vem por baixo da túnica são visíveis apenas do cotovelo ao punho, em cores e desenhos diferentes, que contrastam

com as tonalidades suaves e homogêneas da túnica, sempre em tons rosa forte com xadrez dourado, centrada por pontos ou rosáceas douradas. As mangas da túnica que aparecem dobradas apresentam um contorno em verde metálico.

Ainda sobre as Nossas Senhoras, podemos dizer que na visão frontal, vemos a frente e o verso dos mantos, sendo que o verso apresenta tonalidade forte, como fundo, para destacar a beleza do conjunto. São pintados nas cores vermelho-rubi ou verde-esmeralda em cor lisa e camada fina sobre folheta de ouro ou prata, cujo acabamento dá a impressão de pintura metálica.

Quanto aos mantos que se sobrepõem ao vestuário, apresentam-se comumente na visão frontal esvoaçantes, mostrando a evolução dos motivos decorativos, vindos da parte posterior, onde apresentam uma pintura mais detalhada. Um desenho central nas costas é o ponto de convergência de todos os motivos usados, evoluindo conforme a necessidade de seu enchimento. Ora florão, ora uma pinha, todos ornados graciosamente, preenchendo as curvas e quedas do tecido.

A imagem comumente está pisando numa esfera em tom azul escuro com aplicações de cabeças de querubins com asas. A esfera é presa em rica peanha em formato de almofada, com pintura imitando o mármore rosado ou esverdeado.

Assim, podemos concluir que Veiga Valle, o maior santeiro do Centro Oeste, além de ser um autodidata, é um “inspirado”, no dizer do Prof. Luiz Curado, ao conseguir efeitos grandiosos tanto no talhe quanto principalmente na decoração de suas peças, usando uma variedade imensa de temas e combinação de cores, cujo frescor assemelha-se à pintura recente e de bom gosto. A maior parte da obra sacra do santeiro em estudo encontra-se no Museu de Arte Sacra da Boa Morte, na Cidade de Goiás.



Nossa Senhora do Parto